

## A REVOLUÇÃO CUBANA NO BRASIL (1959-1964): RECEPÇÃO E SOLIDARIEDADE NAS ESQUERDAS NACIONALISTAS E EM *O SEMANÁRIO*

Roberto Bitencourt da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O propósito central é identificar as categorias de percepção e os significados atribuídos à Revolução Cubana, entre as forças sociais e políticas nacionalistas do Brasil, tomando como intervalo temporal de análise os anos de 1959 a 1964. O objeto de estudo corresponde ao periódico *O Semanário* – veículo de comunicação dotado de uma linha editorial nacionalista, anti-imperialista e de esquerda, fechado pela ditadura civil-militar em 1964. Recorremos às matérias de *O Semanário* enquanto janela que permita a identificação de ideias e ações das esquerdas nacionalistas silenciadas pelo golpe de 1964. Não correspondendo propriamente a um estudo sobre a Revolução Cubana, o artigo opera com esse tema como recurso para também mapear algumas ideias, práticas, valores e diagnósticos dos problemas brasileiros, entre as forças nacionalistas atuantes na sociedade civil e no Estado. O estudo tende a permitir a observação de uma solidariedade de matiz internacionalista, como também uma saliente identidade latino-americana do nacionalismo de esquerda no Brasil pré-1964. Por outro lado, evidencia o papel desempenhado pelo jornal e pela força mobilizatória e organizacional dos nacionalistas, no processo de formação da opinião e de construção da agenda pública no período, incidindo na emergência da política externa independente.

**Palavras-chave:** Revolução cubana; nacionalismo brasileiro; história da imprensa.

### THE CUBAN REVOLUTION IN BRAZIL (1959-1964): ASSIMILATION AND SOLIDARITY AMONG LEFT-WING NATIONALISTS AND IN THE PAGES OF *O SEMANÁRIO*

**Abstract:** The central purpose of the paper is to identify the categories of perception and meanings attributed to the Cuban revolution, between social forces and nationalist policies of the Brazil over the years 1959 to 1964. The article analyses *O Semanário*, a newspaper linked to a left-wing editorial line. The journal had been shut down by the dictatorship in 1964. We use materials from the *O Semanário* as resources that allows us to observe some ideas and actions of the left-wing nationalists silenced by the 1964 coup d'état. Not corresponding exactly to a study of the Cuban Revolution, the article aims to map out some ideas, practices, values and diagnostic about Brazilian problems between the nationalist

---

\* O artigo consiste em resultado parcial de pesquisa de pós-doutorado realizada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, sob supervisão do Prof. Jorge Ferreira, voltado para uma análise de natureza biográfica de Sergio Magalhães, líder nacionalista brasileiro.

<sup>1</sup> Pós-doutorando e doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor da Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro (FAETERJ-Petrópolis/FAETEC). E-mail: betobitencourt@hotmail.com

forces active in civil society and the state. The paper contains an observation on the international hue as well as on the prominent identity of the Latin-American left nationalists in the pre-1964 Brazil. On the other hand, it highlights the role played by the newspaper as an effort of the nationalists in the process of public opinion formation and the construction of the public agenda in the period, focusing on the emergence of independent foreign policy.

**Keywords:** Cuban revolution; Brazilian nationalism; history of the press.

### **Introdução**

O artigo aborda um tema (a Revolução Cubana), experiências e ideias defendidas por atores sociais e políticos brasileiros (os nacionalistas de esquerda), assim como uma época (final dos anos 1950 e início da década de 1960), que poucas semelhanças guardam com o cenário internacional e do país no tempo presente.

Radicais aspirações e iniciativas voltadas à superação do capitalismo e das mazelas imperialistas empolgavam a múltiplos movimentos sociais e agrupamentos políticos, no Brasil e alhures. Particularmente nas nações, ou em áreas submetidas à colonização, então identificadas como integrantes do “Terceiro Mundo”. Tais movimentos e agrupamentos tinham expressão e afetavam frontalmente o delineamento do mundo almejado pelos agentes representativos do capital – potências bélicas imperialistas e colonialistas, corporações multinacionais e organismos multilaterais (FONTES, 2010).

Decênios depois, o mercado mundial capitalista tornou-se realidade, sobretudo, no século XXI. A última e decisiva barreira para o capital, o Leste europeu, caiu com a dissolução do bloco soviético. O princípio da mercantilização invade todas as esferas da vida, impulsionado pela ruptura das fronteiras geográficas, morais, culturais, econômicas e políticas. A força alcançada pelo dinheiro o converteu em “deus” maior. O imperativo da reprodução e da acumulação do capital exige ser satisfeito, a qualquer custo (HARVEY, 2011). Dramáticas e destrutivas, as guerras imperialistas igualmente incrementam os negócios e o poder do Estado hegemônico do capital, os Estados Unidos, conforme análise de Anderson (2015).

A dialética contrapartida tem consistido na emergência de lutas políticas levadas a cabo pelas classes sociais e os povos espoliados, permitindo o exercício de governos que

visam, senão transcender, ao menos atenuar o impacto dos problemas nacionais decorrentes do capitalismo global. Isso notadamente na periferia sul-americana do sistema, em que sobressaem há anos os governos populares da Venezuela, Bolívia e do Equador. Por outro lado, na latitude Norte – e mesmo cá no Sul, no Brasil –, tem se desenvolvido modalidades de ativismo político caracterizadas por uma potencial dilatação da crítica à desumanização promovida pelo capitalismo, lidando com as novas tecnologias de comunicação. Trata-se, de acordo com Castells (2009; 2013), da proliferação de “redes de indignação”.

Devido às expressivas vulnerabilidades externas dos aludidos governos sul-americanos, assim como às salientes limitações dos perfis de contestação dos movimentos sociais que mobilizam as plataformas digitais, é possível observar a circulação mundial da indignação coletiva, porém destituída da capacidade de produzir subjetividades políticas dotadas de esperança. Isso a despeito dos flagrantes e graves riscos ecológicos, que poderiam impor, de forma atualizada, a disjuntiva luxemburguiana “socialismo ou barbárie” (BORON, 2010). Como sublinha Sartre (1986: 58): “A cólera pode fomentar um motim; mas não basta para abalar um regime. Para que um povo inteiro se lance contra a fortaleza de seus senhores, tem-se que lhe infundir esperanças”.

Com efeito, em nossos dias tem predominado uma espécie de interdição global da esperança. Por outro lado, denotando um panorama político e cultural radicalmente diferente, o recorte temporal selecionado pelo artigo (1959 a 1964) foi permeado pela expectativa da construção de um outro mundo, em especial na América Latina. Nesse sentido, na temporalidade em questão, Guerreiro Ramos (2016: 115), então figura proeminente da cena intelectual brasileira, entendia que o “socialismo se tornou a tendência histórica dominante da presente época, sua lei estrutural. O socialismo hoje é menos doutrina do que processo mundial em marcha”. Entre as razões para o sociólogo tecer essa avaliação, feita em 1963, a Revolução Cubana representava o símbolo maior. No mesmo contexto histórico, dois destacados intelectuais marxistas estadunidenses, Paul Sweezy e Leo Huberman (1962: 82), revelavam percepção similar: “O êxito da Revolução Cubana é o começo do fim do imperialismo no hemisfério ocidental”.

O impacto da Revolução Cubana foi extraordinário, incendiando corações e mentes, acendendo esperanças mundiais, sobretudo no subcontinente latino-americano. Irradiavam-se expectativas de que era possível mitigar a força de ingerência do poderio norte-

americano nas economias e na seara política dos países subdesenvolvidos, assim como romper as cadeias da miséria, da superexploração do trabalho, das grotescas desigualdades sociais e da subordinação tecnológica e financeira.

No Brasil, entre as forças sociais e políticas norteadas por uma visão nacionalista, a Revolução Cubana não apenas impulsionou a esperança pela ruptura do subdesenvolvimento e da dependência capitalista, como tendeu a reforçar ações, projetos e ideias que durante anos preconizavam para o país. Por conseguinte, o propósito central do trabalho é identificar as categorias de percepção e os significados políticos atribuídos à Revolução Cubana, entre os setores nacionalistas brasileiros.

Mais especificamente, pretende-se mapear as formas de recepção da Revolução, tomando como recurso de análise o periódico *O Semanário*. Trata-se de um importante veículo de comunicação, detentor de uma linha editorial nacionalista, anti-imperialista e de esquerda, fechado pela ditadura civil-militar em 1964. O trabalho tem em vista recorrer às matérias de *O Semanário*, de sorte a tomá-las como uma janela que permita a identificação de ideias e ações das esquerdas nacionalistas silenciadas pelo golpe de 1964.

Ademais, procuramos evidenciar o enquadramento das notícias, ou seja, os ângulos priorizados pelo noticiário. Como destaca McCombs (2009: 140), o enquadramento demonstra a “forma de organizar o pensamento”, envolvendo não apenas o que se noticia, como também o modo pelo qual é iluminado um determinado assunto. A perspectiva editorial do periódico, bem como os esquemas de significação e as iniciativas desenvolvidas pelos atores individuais e coletivos sintonizados com o nacionalismo, guardaram força de incidência na formação da opinião pública e na orientação oficial da política externa brasileira.

Tomando um jornal como fonte primária de estudo e a Revolução Cubana como tema, o artigo converge com uma proposta associada à História da Imprensa, no sentido em que interpreta o posicionamento e a atuação de um periódico na esfera pública. Ao mesmo tempo, opera com um exercício de reflexão que busca a história na imprensa, na medida em que tem como objetivo reconstruir fragmentos do passado, por meio do jornalismo, que possibilitem mapear as ideias, os valores e as ações políticas dos nacionalistas de esquerda.

Cumpramos acentuar a existência de trabalhos historiográficos, como os de Martins (2009) e Moreira (2010), que se propuseram a interpretar a assimilação da Revolução

Cubana pela imprensa liberal-conservadora, entre 1959 e 1964. Corresponderem a estudos relevantes, que evidenciam a projeção de imagens sobremaneira negativas da experiência revolucionária cubana junto à opinião pública brasileira.

Nosso foco, contudo, é direcionado para outro perfil de jornal. Moreira (2010) sublinha ainda o viés alternativo da abordagem do *Jornal da Bahia*, que questionava as linhas editoriais pró-americanas. Em boa medida, o artigo converge com a sua proposta, optando, todavia, por um periódico que apresentava estreitas relações com a Frente Parlamentar Nacionalista, frente interpartidária com atuação na Câmara dos Deputados.

A historiografia também revela esclarecedoras análises sobre a apropriação do “exemplo” cubano entre as esquerdas do país. Entretanto, há uma significativa tendência a ressaltar o contexto posterior ao golpe civil-militar de 1964 e a atribuir maior ênfase à dimensão do “método revolucionário” da luta armada. É o caso de pesquisas como as realizadas por Rollemberg (2001) e Ridenti (2007). Por outro lado, estudos que fazem referência ao acolhimento da Revolução Cubana, entre os setores nacionalistas da esquerda pré-golpe, são demasiadamente circunstanciais, como Moniz Bandeira (2009), ou imbuídos de preconceitos oriundos da teoria sociológica uspiana do populismo, que buscou retirar credibilidade daquelas esquerdas nacionalistas, mas não comunistas. Esse é precisamente o caso da reflexão de Sader (1991).

Sem desconsiderar a relevância das referidas análises, a opção adotada por este trabalho é outra e, possivelmente, complementar. O artigo pretende contribuir para o preenchimento das lacunas na historiografia sobre o tema. Mais do que um método para alcançar o poder, o interesse na Revolução Cubana gira em torno da circularidade de ideias, da identificação de aproximações entre visões de mundo e propostas de reformas sociais e econômicas, que tipificaram as esquerdas nacionalistas brasileiras, denotando substantivos traços políticos de comunhão com os revolucionários cubanos.

No tocante à estrutura do trabalho, o próximo item põe em destaque uma rápida contextualização do cenário mundial e latino-americano, como faz algumas observações esquemáticas acerca do processo revolucionário cubano. Na sequência, são ressaltadas certas características editoriais de *O Semanário*, bem como aspectos que peculiarizavam as perspectivas e os agrupamentos nacionalistas no Brasil. Posteriormente, procedemos à

descrição e análise dos enquadramentos do periódico e das ideias e ações adotadas pelas esquerdas nacionalistas, a respeito da Revolução Cubana.

### **O contexto mundial e a Revolução Cubana**

À época, a Guerra Fria havia tecido o pano de fundo dos debates e das disputas políticas no mundo, sob a sombra da ameaça atômica. Com isso, a América Latina teve a sua história condicionada pelo “contexto bipolar e antagônico entre países capitalistas e socialistas” (MOREIRA; QUINTEROS; SILVA, 2010).

O período aberto ao final da Segunda Guerra Mundial, que durou até meados da década de 1980, correspondeu à ascensão das lutas anticoloniais, atentas à independência política e jurídica dos povos, bem como anti-imperialistas, mais precisamente ciosas com o problema da dependência tecnológica e econômica. Consoante análise realizada por Losurdo (2015), essas lutas acentuavam a questão nacional e revelavam uma importante configuração das lutas de classes, em escala mundial. Ao lado da opressão de classe no interior dos países, o conflito entre nações oprimidas e opressoras alcançava projeção no palco internacional.

Entre os anos 1950 e 1960, a ingerência dos Estados Unidos na América Latina foi traduzida por uma “descontinuidade dos governos democráticos”, em função de sucessivos “golpes de Estado civis ou militares”, motivados pela oposição interna e externa a quaisquer iniciativas socialmente distributivas e economicamente nacionalistas e intervencionistas. Essas medidas eram acusadas de “comunismo” e o “dogma da livre empresa” dominava “a política hemisférica estadunidense” (MOREIRA; QUINTEROS; SILVA, 2010: 215).

A Revolução Cubana, em 1959, atingiu grande popularidade na América Latina. Consistiu em inspiração para diversos setores sociais e políticos, não sendo demasiado argumentar que tal popularidade era também decorrente de um generalizado sentimento antiamericano na região (SANTAMARÍA, 2013: 201). Segundo Fernandes (2012), a Revolução tornou-se alvo imediato das autoridades dos Estados Unidos, especialmente na medida em que se deslocava de uma “revolução dentro da ordem” – contra a ditadura de

Fulgêncio Batista e apoiada em amplas e heterogêneas forças sociais –, para uma “revolução contra a ordem”, isto é, anti-imperialista, classista e socialista.

No curso da sua trajetória pós-revolucionária, o país caribenho tem convivido com inúmeras restrições e agressões promovidas pelos Estados Unidos, afetando o acesso à tecnologia e a capacidade de consumo da população. Todavia, a rede de serviços públicos em saúde e educação, até hoje, representa um símbolo da promoção de oportunidades iguais, tratando-se de um dos ingredientes que promovem consenso na sociedade cubana. Para Chomsky (2015: 219-225), desde os anos 1990 importantes setores intelectuais cubanos, ao mesmo tempo em que preconizam a promoção de maiores mecanismos de participação política, problematizam os parâmetros de democracia esposados pelos Estados Unidos e mostram-se contrários a perda das conquistas sociais revolucionárias.

O fim do bloco socialista implicou em severas dificuldades a Cuba e, de acordo com Vasconcelos (2016), nos últimos anos elas foram parcialmente enfrentadas devido à ampliação dos parceiros comerciais, com destaque para a Venezuela, um país da periferia capitalista vulnerável às oscilações do mercado internacional e às tensões políticas internas. Em todo caso, em meio a muitas restrições, Cuba persiste em seu caminho soberano, tendo no nacionalismo uma poderosa variável de legitimidade e consenso (REIS, 2010). A recente perda do ícone Fidel Castro representa um novo e importante teste para a experiência cubana da conjunção entre ideais nacionalistas e socialistas.

### ***O Semanário e o nacionalismo brasileiro***

O jornal *O Semanário* foi lançado em abril de 1956 pelos jornalistas Oswaldo Costa e Joel Silveira, com redações no Rio de Janeiro e em São Paulo. Segundo pesquisa de Brito (2010: 64), os chefes de redação “se percebiam como uma ‘equipe de trabalhadores de imprensa que não quiseram e não queriam fazer da profissão um negócio’”, ficando sob a dependência “da vendagem das edições para cobrir os seus custos”. A sua tiragem girou em torno de 60 mil exemplares, circulando no território nacional (BRITO, 2010: 63). Em 1961, o periódico detalhava a distribuição pelos estados. O Rio de Janeiro, com 14.000, e São Paulo, com 18.630, eram as regiões de maior circulação<sup>2</sup>. Segundo Morel (2010), o jornal

---

<sup>2</sup> *O Semanário*, O preço da verdade custa vinte cruzeiros. Rio de Janeiro, p. 12, 19 a 26 abr. 1961.

pode ser classificado naquilo que hoje se chama de “imprensa alternativa”. Funcionou até o golpe civil-militar de 1964, quando foi submetido ao drástico encerramento das suas atividades, por meio de uma depredação das instalações e de perseguições à equipe de redação e de boa parte dos colaboradores.

Ao lado de *O Semanário*, periódicos como a *Última Hora* – um dos jornais de maior circulação no país – e *Novos Rumos*, mantido pelo Partido Comunista Brasileiro e detentor de uma expressiva distribuição, com cerca de 60 mil exemplares na cidade do Rio de Janeiro, também operavam com uma linha editorial anti-imperialista e nacionalista (FERREIRA, 2011; MATTOS, 2012). Cumpre frisar que o mercado jornalístico, particularmente no Rio, não estava moldado sob os parâmetros da oligopolização, que vigora em nossos dias, encontrando-se à época razoavelmente aberto ao pluralismo das ideias, devido à existência de mais de vinte jornais em circulação (BARBOSA, 2010). A televisão ainda dava os seus primeiros passos, com escasso alcance e poder simbólico na sociedade brasileira.

Tratava-se de um periódico semanal, que atribuía legitimidade às vozes e às aspirações do movimento estudantil, de frações militares nacionalistas, dos trabalhadores organizados em sindicatos, dos organismos de representação dos trabalhadores rurais e das esquerdas partidárias. Eram esses os segmentos da sociedade brasileira privilegiados pelo noticiário de *O Semanário*. Igualmente, todos esses setores possuíam colunas e páginas fixas, para repercutirem os seus dilemas e as suas aspirações e opiniões. Desse modo, consoante os contornos conceituais delineados por Carvalho (2010: 74), o jornal lidava com uma concepção participativa de opinião pública, valorizando a dilatação da influência popular, sindical e das esquerdas nos processos decisórios da sociedade. Ademais, *O Semanário* entendia travar uma “luta árdua, sem tréguas, em defesa dos interesses nacionais ameaçados pela ganância dos trustes estrangeiros”<sup>3</sup>.

Os setores que preconizavam um alinhamento automático do país com os Estados Unidos, como também o liberalismo econômico e o “entreguismo”, isto é, a defesa da participação irrestrita do capital estrangeiro na economia brasileira, eram alvos de ácidas críticas do jornal. Na seara política, a União Democrática Nacional, e na imprensa, *O Globo* e *O Estado de S.Paulo*, representavam os principais antagonistas de *O Semanário*.

---

<sup>3</sup> *O Semanário*, Um ano de luta. Rio de Janeiro, p. 3, 4 a 11 abr. 1957.

Sobre o nacionalismo brasileiro das décadas de 1950 e 1960, importa fazer algumas ponderações previamente elucidativas. Tomando a reflexão desenvolvida por Laclau (1978) como inspiração, é plausível argumentar que o nacionalismo não possui claros e estáveis componentes de classe. Ao contrário, pode ser apropriado por diferentes interesses e estratos de classes sociais, em conjunturas e superfícies sociais distintas. O nacionalismo possui natureza fluida, apresentando uma incorporação de símbolos e anseios populares e nacionais, por antagonísticos grupos envolvidos com as disputas por poder.

Com efeito, o nacionalismo que marcou os anos de 1950-1960 no Brasil denotava aspirações de esquerda, sendo portador de “um caráter conflituoso” por contrapor-se aos interesses de poderosos grupos econômicos nacionais e internacionais (GUIMARÃES, 2001). O nacionalismo brasileiro encaixava-se na definição dada por Ramos (2014: 552), correspondendo a um típico “nacionalismo dos países oprimidos”, radicalmente distinto do “nacionalismo das nações opressoras”, norteado por práticas e intenções imperialistas. Grosso modo, os apelos à participação popular nas decisões que afetam a sociedade e o Estado, o distributivismo, o anti-imperialismo, o intervencionismo estatal e o antiliberalismo econômico representaram dimensões decisivas das organizações e valores nacionalistas, no regime democrático-liberal de 1946.

Neste ensejo, o nacionalismo brasileiro abrangeu um amplo leque de forças sociais e políticas, como trabalhistas, comunistas, socialistas e católicos, civis e militares (CARLONI, 2014). Tais setores, sobretudo nos primeiros anos da década de 1960, não sem divergências, tenderam a comungar visões, iniciativas políticas e projetos de país (FERREIRA; GOMES, 2014). O nacionalismo teve capacidade de criação e acolhimento das suas ideias entre os estratos populares e médios, envolvendo estudantes e trabalhadores das cidades e do campo.

Uma das suas mais importantes organizações políticas foi a Frente Parlamentar Nacionalista (FPN). Uma frente interpartidária, criada em 1956, cujo lócus de atividades era a Câmara dos Deputados. Foi integrada em sua maioria por parlamentares trabalhistas. Projetava e perseguia a realização da ideia de “um Brasil mais autônomo e soberano” (DELGADO, 2003: 149). Durante o curso do tempo, para Delgado (2003: 150), “os políticos da Frente assumiram muitas vezes a função de porta-vozes de organizações” como o Comando Geral dos Trabalhadores, as Ligas Camponesas e a União Nacional dos

Estudantes, “junto ao Poder Legislativo”. Os parlamentares da FPN foram os principais e imediatos alvos das cassações e perseguições realizadas pelo regime golpista instalado em 1964.

Foi no exercício das funções de Sergio Magalhães como vice-presidente da Câmara dos Deputados – então parlamentar pelo Partido Trabalhista Brasileiro e significativa liderança das correntes nacionalistas e anti-imperialistas –, em janeiro de 1961, que *O Semanário* se converteu em veículo informativo da FPN<sup>4</sup>. As convergências culminaram em formalização das relações, entrelaçando as perspectivas e as atividades da frente interpartidária e do jornal. As ações e avaliações políticas de parlamentares da FPN, assim como os seus projetos legislativos, eram publicados, analisados e defendidos pelo periódico. *O Semanário* reservava ainda espaço para a veiculação de artigos e colunas de opinião aos integrantes da Frente, como, entre outros, Sergio Magalhães (PTB), Domingos Velasco e Barbosa Lima Sobrinho – ambos do Partido Socialista Brasileiro – e Neiva Moreira (Partido Social Progressista).

### **Os enquadramentos da Revolução Cubana no jornal e a solidariedade dos nacionalistas (1959-1964)**

Desde a destituição do ditador Fulgêncio Batista, *O Semanário* acompanhou com vivo interesse as realizações, os desafios, as tensões e os êxitos da Revolução Cubana. Raros foram os exemplares do jornal que deixaram de cobrir os acontecimentos. Nos primeiros sopros da vitória revolucionária, em janeiro de 1959, o periódico saudou o fato de Batista ter sido “escorraçado”<sup>5</sup>. Orientado por uma visão profundamente anti-imperialista, os contornos de significação delineados legitimavam a deposição do governo, nos termos que seguem: “O ditador Batista protegia os interesses do capitalismo internacional e da burguesia entreguista e, como tal, a sua permanência à frente dos destinos de Cuba representava uma garantia para o Departamento de Estado [norte-americano]”. A respeito dos vitoriosos, compreendia que “as forças de Fidel Castro deram aos povos latino-americanos novas razões de acreditar no valor permanente do Homem”<sup>6</sup>.

<sup>4</sup> *O Semanário*, órgão oficial da Frente Parlamentar Nacionalista. Rio de Janeiro, p. 1, 31 jan. a 7 fev. 1961.

<sup>5</sup> FREJAT, José. 7 dias no Brasil e no mundo. *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 2, 8 a 14 jan. 1959.

<sup>6</sup> *O Semanário*, De Havana a Moscou. Rio de Janeiro, p. 9, 8 a 14 jan. 1959.

Ainda entre janeiro e fevereiro de 1959, o sentido conferido à Revolução consistia na apreciação de “uma luta de classes, uma luta política em torno da emancipação econômica”<sup>7</sup>. À guisa de comparação, vale ressaltar que a historiografia tende a identificar esse período como expressão da vitória democrática de uma frente heteróclita de forças sociais, contando, inclusive, com eventual apoio de setores estadunidenses (REIS, 2010; RAMOS, 2014; FERNANDES, 2012). Mapeamento similar se nota quanto aos estudos relativos às abordagens da imprensa conservadora (MARTINS, 2009; MOREIRA, 2010).

A peculiar assimilação da experiência revolucionária cubana por *O Semanário* era processada em conformidade com os códigos de referências e os parâmetros políticos da sua linha editorial. Assim, não só eram prontamente percebidas afinidades entre as experiências e os dilemas cubanos e brasileiros, como interpelava-se o público-leitor para a promoção de atos de solidariedade:

Aquela república irmã luta por sua emancipação econômica como lutamos pela nossa e não ficará desamparada na sua resistência à intervenção estrangeira (...). Não somente levaremos a Cuba nossa solidariedade moral como criaremos a seus agressores toda espécie de dificuldades, seja boicotando seus produtos, seja exigindo de nosso governo que leve o seu protesto à ONU e à OEA (...). Conclamamos os nacionalistas de todo o Brasil, especialmente os estudantes e os trabalhadores (...). Todo apoio aos patriotas de Cuba – é a nossa palavra de ordem. Os anti-imperialistas brasileiros não poderão faltar com sua solidariedade aos corajosos companheiros de Fidel Castro<sup>8</sup>.

Estritamente em relação aos estudantes brasileiros, o periódico argumentava que “deveriam meditar bastante sobre o que houve em Cuba. Mais uma vez a classe estudantil provou o seu espírito de luta e seu desprendimento quando o que está em jogo é a honra e a dignidade da pátria”. Ademais, “cabe aos estudantes, principalmente dos países periféricos, empreender a luta pela liberdade política (como no caso cubano) e econômica (como no brasileiro)”<sup>9</sup>. Foram exatamente os estudantes que conformaram o segmento social mais atento à Revolução no curso do ano de 1959.

---

<sup>7</sup> MACHADO, Nery. Fidel Castro: herói ou algoz? *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 9, 5 a 11 fev. 1959.

<sup>8</sup> *O Semanário*, Todo apoio aos patriotas de Cuba, contra a intervenção americana. Rio de Janeiro, p. 11, 22 a 27 jan. 1959.

<sup>9</sup> *O Semanário*, Cuba: estudantes pagaram com sangue o fim da ditadura. Rio de Janeiro, p. 11, 8 a 14 jan. 1959.

A REVOLUÇÃO CUBANA NO BRASIL (1959-1964): RECEPÇÃO E SOLIDARIEDADE NAS ESQUERDAS NACIONALISTAS E EM O *SEMANÁRIO*

A União Nacional dos Estudantes (UNE) acolheu exilados cubanos, notadamente jovens universitários, durante as perseguições do governo Batista<sup>10</sup>. Constituiu-se ainda na “primeira entidade brasileira a reconhecer o Governo Revolucionário Cubano”, consoante mensagem enviada a Fidel Castro pela diretoria da UNE, em que o convidava a visitar o Brasil<sup>11</sup>. A calorosa recepção revelada pela entidade, em face dos acontecimentos em Cuba, era justificada na missiva – publicada por *O Semanário* –, na medida em que se declarava ser uma organização “defensora intransigente das causas da Democracia e do Nacionalismo – ideias políticas que poderão conduzir os povos da América Latina à plena conquista da sobrevivência e ao desenvolvimento econômico”<sup>12</sup>. Pouco depois, no mês de maio, o Primeiro Ministro Fidel Castro veio ao Brasil e foi recebido com muito entusiasmo.

Junto com demais associações estudantis, a UNE organizou o comício de Fidel no Rio de Janeiro. O líder revolucionário agradeceu o apoio da entidade brasileira, “quando a situação ainda não estava clara”, afirmando ainda que “fora confortador saber, em Sierra Maestra, que os estudantes brasileiros pretendiam enviar voluntários para a luta contra a ditadura de Batista”. Mesmo não tendo sido efetivado tal envio, frisou que “os estudantes brasileiros podem se considerar, também, vitoriosos com a derrubada do ditador”<sup>13</sup>. Manifestações de reciprocidade como essa tenderam a ocorrer com frequência.

Em maio de 1959, a Revolução Cubana implementou uma das suas medidas mais notórias: a reforma agrária. A partir de então, as matérias colocavam em evidência a “terrível pressão por parte dos imperialistas norte-americanos”. Os enquadramentos do noticiário destacavam categorias descritivas que exaltavam os revolucionários cubanos e buscavam retirar qualquer credibilidade às ações e às vozes pró-estadunidenses: “As grandes companhias açucareiras norte-americanas não se conformam com a Reforma Agrária que Fidel Castro está realizando, e daí a campanha miserável de calúnias contra o grande chefe revolucionário, símbolo da resistência dos nossos povos irmãos à política de saque e banditismo do colonialismo ianque”<sup>14</sup>.

---

<sup>10</sup> CLEMENTE, José. O porquê da campanha norte-americana contra Fidel Castro. *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 11, 26 fev. a 04 mar. 1959.

<sup>11</sup> CLEMENTE, O porquê..., p. 11, 26 fev. a 04 mar. 1959.

<sup>12</sup> CLEMENTE, O porquê..., p.11, 26 fev. a 04 mar. 1959.

<sup>13</sup> *O Semanário*, UNE leva Fidel Castro à praça pública. Rio de Janeiro, p. 11, 14 a 20 mai. 1959.

<sup>14</sup> *O Semanário*, Todo apoio ao povo cubano! Rio de Janeiro, p. 9, 25 a 31 jul. 1959.

Acerca da reforma agrária, o periódico noticiou a apropriação pelo governo revolucionário de um projeto legislativo apresentado ao Congresso Nacional brasileiro. Fartas foram as matérias que registravam surpresa e regozijo com a inspiração brasileira à lei agrária cubana. O projeto era de autoria do deputado federal Coutinho Cavalcanti (PTB/SP), que foi recebido em Cuba, em julho de 1959, como forma de reconhecimento. Em agosto, *O Semanário* publicava as dedicatórias a Cavalcanti, redigidas por Fidel Castro e Nunes Jimenez, presidente do Instituto Nacional de Reforma Agrária de Cuba. Jimenez afirmava que “devemos [ao deputado brasileiro] em nossa Pátria Cubana as ideias para a redação de nossa lei agrária”. Fidel, além de agradecimentos, sublinhava ao parlamentar brasileiro “o mais fervoroso desejo de que cheguem a ser realidade em sua pátria os ideais que formula em seu projeto de lei”, assim como a sua “fé nos destinos do Brasil e de seu admirável povo”<sup>15</sup>.

A partir do segundo semestre de 1959 começaram a ser promovidas conferências, passeatas e organizações brasileiras em solidariedade a Cuba. Habitualmente contavam com a presença do embaixador cubano e envolviam setores políticos, estudantis, representantes de inúmeros sindicatos de trabalhadores, intelectuais e militares. O primeiro organismo informado pelo jornal foi a Associação Brasil-Cuba, que demandava a “ruptura” com os “grilhões do imperialismo” e a “solidariedade entre os povos da América Latina”<sup>16</sup>. Ademais, os estudantes secundaristas do Rio de Janeiro e de São Paulo ingressavam em campanhas favoráveis à Revolução, conforme recrudesciam as pressões e ameaças norte-americanas a Cuba. Tinham como objetivos incrementar “o esclarecimento popular a respeito do que se está passando entre os EUA e Cuba”, bem como, junto à UNE, “articular nas grandes capitais amplo movimento de massas de solidariedade”<sup>17</sup>.

Em 1960, o jornal intensificava os seus apelos à realização de campanhas de apoio, na esteira do crescimento das tensões na relação de Cuba com os EUA. Em fevereiro, eram noticiadas agressões aéreas de “mercenários” apoiados pelo governo estadunidense, que lançavam “bombas incendiárias sobre os canaviais cubanos”<sup>18</sup>. Salientava-se o “imenso

---

<sup>15</sup> *O Semanário*, Ideias brasileiras germinam no estrangeiro. Rio de Janeiro, p. 5, 1 a 07 ago. 1959.

<sup>16</sup> *O Semanário*, Revolução cubana: exemplo para a América Latina. Rio de Janeiro, p. 9, 5 a 11 set. 1959. *O Semanário*, Solidariedade ao governo e povo de Cuba: grandioso ato público na ABI. Rio de Janeiro, p.7, 27 fev. a 04 mar.1960.

<sup>17</sup> *O Semanário*, Luta anti-imperialista. Rio de Janeiro, p. 9, 6 a 12 fev.1960.

<sup>18</sup> FREJAT, José. Brasilianas. *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 2, 13 a 19 fev. 1960.

prestígio popular” de Fidel Castro, com “as suas reformas, com seu programa de desenvolvimento econômico e libertação nacional”. A abordagem jornalística pregava o aumento dos atos a favor de Cuba, dirigindo-se a FPN, a UNE e aos sindicatos, por entender que havia um cruzamento de interesses entre Brasil e Cuba contra o imperialismo<sup>19</sup>.

As interpelações feitas por *O Semanário* não ficavam sem resposta. Aumentavam as ações de setores políticos e da sociedade civil, influenciando na formação da opinião pública brasileira. O líder das Ligas Camponesas, o socialista Francisco Julião, manifestava-se abertamente favorável à Revolução, devido à “profundidade de todas as reformas sociais e econômicas”, acentuando que “o caminho da América Latina é o caminho de Cuba”<sup>20</sup>.

Representantes de universitários e secundaristas brasileiros, assim como a juventude do PTB, participaram das reuniões preparatórias do 1º Congresso da Juventude Latino-americana, realizado em Havana<sup>21</sup>. Também participando de evento promovido na cidade, em junho de 1960, delegados de sindicatos brasileiros – como os ferroviários e os bancários –, foram a convite da Confederação dos Trabalhadores de Cuba, em companhia de demais delegações de outras nações latino-americanas. A declaração conjunta das representações sindicais preconizava a tese de que “nenhum trabalhador do mundo deve ficar indiferente às práticas e ameaças do imperialismo”, como também se comprometiam a realizar “variadas iniciativas de solidariedade destinadas a popularizar a realidade cubana”<sup>22</sup>.

As ações de solidariedade, interlocução e intercâmbio desenvolviam-se e a experiência cubana tomava corpo como referencial das lutas políticas no Brasil, denotando também um espraiamento do “exemplo cubano” no território nacional. Nesse sentido, na cidade de Cocal, interior do Piauí, o “comitê nacionalista” do marechal Lott e de João Goulart, voltado à campanha eleitoral à Presidência e à Vice-presidência da República, em comício aberto destacava a inspiração cubana da seguinte maneira:

A luta que temos de enfrentar é árdua, porque grandes são os poderes dos trustes internacionais enquistados na economia nacional (...). Lutaremos

<sup>19</sup> CEL. X. Defendamos Cuba! Coluna Situação Militar, *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 2, 23 a 29 jan.1960.

<sup>20</sup> JULIÃO, Francisco. Cuba – governo legitimamente democrático e popular. *O Semanário*, Rio de Janeiro, p.9, 30 abr. a 06 mai. 1960.

<sup>21</sup> *O Semanário*, Em Havana, a 26 de julho, o I Congresso da juventude latino-americana. Rio de Janeiro, p. 6, 11 a 17 jun. 1960.

<sup>22</sup> CANTALICE, Artur. Em defesa da revolução cubana. Coluna do Trabalhador, *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 11, 18 a 24 jun. 1960.

pacificamente, praticando todos os meios permitidos na nossa Constituição Federal, para conseguirmos aquilo que o povo cubano só o conseguiu por meio das armas (...). Mas se as forças estrangeiras, aliadas ao capital nacional mais reacionário, nos impuserem uma situação igual à de Cuba, estaremos nós os nacionalistas comandando o povo brasileiro, dispostos a derramar o nosso sangue para não consentirmos que a nossa Pátria seja completamente entregue aos nossos inimigos<sup>23</sup>.

De igual maneira, o periódico enquadrava Cuba como a representação de um “fabuloso laboratório de pesquisas sociais”, que imprimia “importantes modificações na estrutura social daquele povo”, tais como: a reforma agrária, o combate ao analfabetismo, a reforma urbana (com a redução dos alugueis e a construção de residências nas cidades) e o enfrentamento às multinacionais, em particular as companhias de telefonia e eletricidade, então sob o domínio do capital estadunidense.

Especificamente em relação ao capital estrangeiro, a posição cubana agradava aos nacionalistas brasileiros, entre outros, porque entendiam haver um descompasso entre o tímido investimento externo e os altos lucros alcançados no Brasil, transferidos para os países-sede das corporações (SILVA, 2016). Em síntese, *O Semanário* defendia a ideia de que “os caminhos de nossa independência econômica passam em Havana”<sup>24</sup>. Louvava ainda a expropriação das refinarias da Shell e da Esso pelo governo cubano, ponderando que a “cada ameaça ou provocação dos colonialistas do Departamento de Estado, um ato de represália concreto e não simplesmente para inglês ver”<sup>25</sup>. Ademais, afirmava que “Fidel pôs os moleques estrangeiros para fora”, pois eles não “queriam refinar o petróleo soviético”. Na interpretação do periódico, em crítica lateral ao presidente Juscelino Kubitschek, “assim agem os governos independentes e não como o nosso meloso e subserviente JK, que só sabe dizer palavras bonitas, mas não é capaz de dar um tranco nos monopólios”<sup>26</sup>.

O periódico criticava o que percebia ser demonstração de tibieza do governo Kubitschek em relação à questão cubana. Denunciando a transformação da Flórida em

---

<sup>23</sup> *O Semanário*, Cocal com o nacionalismo e com Lott! Apoio irrestrito a “O Semanário”. Rio de Janeiro, p. 9, 16 a 22 abr. 1960.

<sup>24</sup> PEREIRA, Osny Duarte. Os caminhos do Brasil passam por Havana. *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 3, 7 a 13 mai. 1960.

<sup>25</sup> *O Semanário*, Defendamos Cuba e sua gloriosa revolução. Rio de Janeiro, p. 2, 9 a 15 jul. 1960.

<sup>26</sup> FREJAT, José. Brasilianas. *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 2, 6 a 12 ago. 1960.

“base de operações militares contra Cuba”, acusava o governo brasileiro de “acovardado”, acatando “mudo e cabisbaixo a todos os destemperos dos imperialistas ianques”<sup>27</sup>.

Cumprir observar que os enquadramentos operavam com o reconhecimento e a legitimidade do processo revolucionário cubano. *O Semanário* procurava moldar a interpretação do seu público-leitor, por meio de determinadas maneiras de “regular as disposições afetivas e éticas”, traço que singulariza um enquadramento noticioso, conforme Butler (2016: 13). Tornar visível o ponto de vista revolucionário e valorizar as suas ações e ideias, representavam formas de inclusão do assunto no campo das sensibilidades e iniciativas políticas brasileiras. Cuba correspondia também a um exemplo que demonstrava os circunstanciais êxitos das esperanças acalentadas pelos nacionalistas no Brasil.

Isso posto, em meados de 1960, os Estados Unidos suspenderam a compra do açúcar cubano, o que implicava em graves problemas econômicos ao país. O mercado comprador do produto, praticamente exclusivo, era o norte-americano. Como alternativa, o governo cubano firmou uma parceria comercial com a União Soviética, que adquiriu o açúcar. Representou nova variável na campanha difamatória sobre Cuba, sob a alegação de uma “infiltração comunista, perigosa à segurança do hemisfério”. *O Semanário* rebatia a acusação, assinalando o direito soberano de qualquer nação em relacionar-se “com os países da ‘cortina de ferro’”<sup>28</sup>.

Consoante cresciam as agressões e demais medidas do governo dos Estados Unidos contra Cuba, intensificavam-se as mobilizações na sociedade brasileira em apoio ao país caribenho. Pouco antes da solução cubana sobre o destino do seu açúcar, a Federação Nacional dos Marítimos do Brasil dispôs-se a impedir “embarques de açúcar brasileiro” para os Estados Unidos, em solidariedade.

Entendia a representação dos marítimos que o “imperialismo” visava “distribuir a cota cubana entre vários países latino-americanos, inclusive o Brasil”, de sorte a “estrangular economicamente a Revolução”. Adicionalmente, afirmava que “não somos Judas. Não aceitamos os trinta dinheiros da traição. Hoje é a vez deles. Amanhã será a nossa. Que nenhum grão de açúcar do Brasil sirva para esfomear o nosso povo irmão de

---

<sup>27</sup> *O Semanário*, Para os imperialistas ianques, a carta de Organização dos Estados Americanos é um simples farrapo de papel. Rio de Janeiro, p. 1, 5 a 11 nov. 1960.

<sup>28</sup> PEREIRA, Osny Duarte. A intervenção em Cuba. *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 3, 30 jul. a 05 ago. 1960.

Cuba”<sup>29</sup>. Na esteira da decisão dos trabalhadores dos portos, a Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito enviava carta ao presidente Kubitschek, para que proibisse o embarque de açúcar brasileiro para os EUA, que “tinham a intenção” de fazer com que Cuba voltasse “à escravidão em que viveu tantos anos”. A Confederação frisava ainda que não pretendia ver os brasileiros carregando “a vergonha de termos ajudado os trustes econômicos poderosos”<sup>30</sup>.

Ao final do ano de 1960, a UNE promoveu passeatas nas ruas do Rio de Janeiro em oposição “aos sinistros intentos do imperialismo”, que ameaçava “mais um ataque contra a revolução”. Com isso, comunicou em telegrama a Fidel o “lançamento de uma campanha popular permanente em defesa da revolução cubana”<sup>31</sup>. Pouco depois, inúmeras associações e representações dos trabalhadores das cidades e do campo, da intelectualidade, dos estudantes, dos parlamentos estaduais e federal, promoveram uma audiência pública na Associação Brasileira de Imprensa, debatendo propostas de ações a serem realizadas a favor de Cuba.

Chamada Comissão Brasileira de Não-intervenção em Cuba, a entidade defendeu a criação de “um grande movimento de opinião pública contra qualquer ingerência estrangeira, seja econômica, diplomática ou militar, nos destinos políticos da gloriosa República de Cuba”. Assinavam o manifesto deputados federais nacionalistas de diferentes partidos, como Sergio Magalhães, Barbosa Lima Sobrinho, Domingos Velasco, Elói Dutra, José Joffily, Josué de Castro e Fernando Santana. Dos meios intelectuais e artísticos, Dias Gomes, Darcy Ribeiro, Oduvaldo Viana, Mario Lago apoiavam a entidade, que contou ainda com a adesão de alguns militares, como os generais Felicíssimo Cardoso e Artur Carnaúba<sup>32</sup>.

Em janeiro de 1961, os Estados Unidos romperam as relações diplomáticas com Cuba. A interpretação do jornal e das forças nacionalistas, em geral, foi a de um “pretexto para o ataque”. Com jornalista realizando reportagens em Cuba, “atendendo a um convite do Primeiro Ministro Fidel Castro”, as matérias veiculadas continham mapas e dados sobre

---

<sup>29</sup> *O Semanário*, “Nem um só quilo de açúcar brasileiro para ajudar a agressão ianque a Cuba”. Rio de Janeiro, p. 7, 23 a 29 jul. 1960.

<sup>30</sup> *O Semanário*, Solidário o povo brasileiro com seus irmãos cubanos. Rio de Janeiro, p. 5, 6 a 12 ago. 1960.

<sup>31</sup> *O Semanário*, Telegrama – Da UNE para Havana: “Vás bien, Fidel!”. Rio de Janeiro, p. 9, 12 a 18 nov. 1960.

<sup>32</sup> *O Semanário*, Manifesto da “Comissão Brasileira de Não-intervenção em Cuba”. Rio de Janeiro, p. 5, 3 a 9 dez. 1960.

as possibilidades de invasão norte-americana, como também eram norteadas por afirmações como a que segue: “Cuba reagirá à invasão a bala”<sup>33</sup>. Constantemente salientando que “Cuba está em perigo”, o periódico reiterava seus apelos à mobilização em apoio “à luta e à autodeterminação” do país, “contra qualquer violência por parte dos EUA”<sup>34</sup>. Além de passeatas, a UNE e as Ligas Camponesas responderam à ameaça que pairava sobre Cuba com a formação de um voluntariado armado de estudantes e trabalhadores rurais<sup>35</sup>.

Pouco depois, no mês de abril, ocorreu a invasão da Baía dos Porcos. Mercenários armados e patrocinados pelo governo estadunidense tentaram derrubar o governo revolucionário. Rapidamente a tentativa foi debelada e as manchetes teciam enquadramentos que não deixavam dúvida sobre o apoio à Revolução: “Povo e Exército rechaçam invasores treinados nos Estados Unidos e na Guatemala”<sup>36</sup>; “Fidel esmagou a invasão dos mercenários”<sup>37</sup>. No mesmo período, em virtude das persistentes agressões e ameaças provenientes dos EUA – como também visando “comprometer a União Soviética” no esquema defensivo de Cuba (MONIZ BANDEIRA, 2009: 329-335) –, Fidel Castro anunciou o caráter socialista da Revolução. A respeito, se pode acentuar que o apoio dispensado pelos nacionalistas brasileiros, atuantes na sociedade civil e no Estado, não foi alterado. Em *O Semanário*, mantiveram-se as matérias e interpelações solidárias a Cuba. Sem modificações.

Isso posto, entre as razões que o periódico aventava para o sucesso do governo cubano na Baía dos Porcos, reverberava a transformação do país “na primeira república socialista da América”, logrando “vitórias surpreendentes, tanto no setor do desenvolvimento nacional, como no bem-estar das classes trabalhadoras, sobretudo dos camponeses, o que possibilitou a mobilização popular em defesa da revolução”. Em consequência, tratou-se de “um apoio completo ao regime”<sup>38</sup>.

<sup>33</sup> *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 6, 15 a 22 jan. 1961.

<sup>34</sup> *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 2, 15 a 22 jan. 1961.

<sup>35</sup> Consultar *O Semanário*, Brigadas brasileiras para defender Cuba. Rio de Janeiro, p. 1, 15 a 22 jan. 1961. *O Semanário*, Camponeses brasileiros ombro a ombro com Fidel Castro. Rio de Janeiro, p. 16, 22 a 29 jan. 1961. Ademais, sobre a relação entre as Ligas Camponesas e o governo revolucionário cubano, em especial no que diz respeito à concepção da luta armada, ver Aguiar (2014), Morais (2012) e Ferreira (2004: 30-50).

<sup>36</sup> *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 1, 27 abr. a 03 mai. 1961.

<sup>37</sup> *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 1, 4 a 11 mai. 1961.

<sup>38</sup> *O Semanário*, Invasores de Cuba: repúdio popular foi a razão do seu fracasso. Rio de Janeiro, p. 7, 6 a 13 jul. 1961.

As manifestações de repúdio à agressão proliferaram no Brasil. Em Recife, ocorreram protestos de camponeses, com a apresentação de “93 voluntários” para irem a Cuba. Em São Paulo, “estudantes e operários desfilaram pelas ruas aos gritos de ‘abaixo os ianques, viva Cuba’”. No Rio de Janeiro, os mesmos estratos sociais promoveram ato público, com pronunciamentos prévios de Sergio Magalhães e do líder comunista Luiz Carlos Prestes, culminando em desfile pelas ruas do Centro<sup>39</sup>. Combatendo a “espoliação do capital estrangeiro” e preconizando a “luta emancipadora e libertadora da nossa Pátria”, as Organizações Sindicais da cidade do Rio de Janeiro ofereciam sua solidariedade a Cuba e aos povos coloniais, que “lutam heroicamente por sua emancipação”. Exigiam do governo Jânio Quadros “firmeza à política de respeito à autodeterminação dos povos”<sup>40</sup>. Em Belo Horizonte, o 2º Encontro Sindical Nacional demandava apoio à política externa independente introduzida por Jânio e requeria “mais vigorosas ações em defesa de Cuba, que está realizando uma profunda luta pela reforma social da sua pátria”<sup>41</sup>.

O trabalhista Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul, fazia conferência na UNE, atacando o “sistema espoliativo” dos EUA. Argumentava que “vemos em Cuba um autêntico espelho do futuro de nossa Pátria”, não devendo os EUA esperarem “outra solução no Brasil senão a solução que se deu em Cuba”. A identificação feita por Brizola entre os rumos cubanos e brasileiros assentava-se na perspectiva de que o nacionalismo é o “único caminho a seguir para emancipar de fato a Nação e o povo brasileiro”<sup>42</sup>.

Considerada por *O Semanário* a “bússola da América Latina”<sup>43</sup>, Cuba, em 1962, foi expulsa da Organização dos Estados Americanos, sob pressões exercidas pelos Estados Unidos. Na ótica do jornal, Brasil e México “se recusaram a servir de paus mandados dos brucutus do Departamento de Estado e do Pentágono”, não acompanhando a decisão da OEA<sup>44</sup>.

Em outubro, estalou a chamada crise dos mísseis. O assunto alcançou repercussão no jornal, assim como adentrou o raio de preocupações imediatas das forças nacionalistas brasileiras. *O Semanário* pregava a mobilização do “povo para salvar Cuba”, sugerindo o

<sup>39</sup> *O Semanário*, Manifestações em todo o Brasil. Rio de Janeiro, p. 12, 4 a 11 mai. 1961.

<sup>40</sup> *O Semanário*, 1º de maio de força e unidade. Rio de Janeiro, p. 10, 20 a 27 mai. 1961.

<sup>41</sup> *O Semanário*, Jornal do trabalhador. Rio de Janeiro, p. 10, 13 a 20 jun. 1961.

<sup>42</sup> *O Semanário*, Brizolla na UNE: “trustes saqueiam nossas riquezas”. Rio de Janeiro, p. 10, 6 a 13 jul. 1961.

<sup>43</sup> *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 2, 26 jul. 1962.

<sup>44</sup> *O Semanário*, A democracia americana. Rio de Janeiro, p. 4, 10 mai. 1962.

envio de telegramas às autoridades brasileiras, a promoção de atos públicos e a circulação de “pequenos volantes”, para serem “distribuídos por todos os bairros, locais de trabalho e escolas, denunciando as manobras do imperialismo norte-americano, cuja exploração sentimos na própria carne”<sup>45</sup>. Tratava-se, pois, de uma batalha pela opinião pública: na esteira da análise de Barbosa (2010: 183), é possível afirmar que o periódico se inseria em uma disputa por hegemonia nos círculos jornalísticos. Perseguia alcançar o *status* social e político de “fazer crer e prescrever, fazer reconhecer”, em concorrência com os conservadores esquemas de percepção social que marcavam parte da imprensa. Para isso, conferia legitimidade às classes populares, médias e trabalhadoras no processo de formação da opinião pública, de modo a nortear as decisões do Estado brasileiro.

Ainda no que concerne às manifestações contra a tentativa de invasão norte-americana, a União Brasileira dos Estudantes Secundários prontamente propôs que a “nossa resposta deverá ser a invasão das Embaixadas, consulados e colégios ianques; a ocupação pelos operários, das 400 firmas de ‘Tio Sam’, que exploram a nossa capacidade de produção. Feito isso, os americanos serão expulsos pelo clamor do nosso protesto”<sup>46</sup>. Não foi necessário. O auxílio soviético, “a pedido das autoridades” cubanas e “com a finalidade de garantir a defesa do país antilhano”, salvou “a paz e a revolução”, na interpretação dada pelo jornal<sup>47</sup>. Exprimindo a vigência de uma relação de reciprocidade, o embaixador cubano fez uma visita à redação de *O Semanário*, para manifestar a “sua gratidão pelos esforços desenvolvidos” pelo periódico, no sentido de “mobilizar a opinião pública contra o imperialismo norte-americano”. Acentuava ainda que “a solidariedade do povo brasileiro era para seu país uma fonte de esperanças”<sup>48</sup>.

A respeito, vale chamar a atenção para um livro-reportagem publicado em 1962, intitulado *Vais bem, Fidel*. Escrito por Jurema Finamour, jornalista de *O Semanário*, que esteve em Cuba no início de 1962, a publicação corresponde a relatos de viagem, atravessados por entrevistas com autoridades e inúmeros personagens anônimos, visando

---

<sup>45</sup> *O Semanário*, Hoje Cuba, amanhã o Brasil. Rio de Janeiro, p. 1, 28 out. 1962.

<sup>46</sup> *O Semanário*, Secundaristas lançam manifesto: Cuba, advertência aos EUA. Rio de Janeiro, p. 8, 20 set. 1962.

<sup>47</sup> *O Semanário*, Cuba e a grande mentira ianque. Rio de Janeiro, p. 1, 25 out. 1962.

<sup>48</sup> *O Semanário*, Embaixador de Cuba visita O Semanário. Rio de Janeiro, p. 7, 01 nov. 1962.

oferecer impressões sobre as mudanças no país<sup>49</sup>. Diversos fragmentos do livro foram publicados pelo jornal durante o ano. Para o que nos importa em especial, o livro demonstra conhecimento da cena política brasileira pela população cubana, bem como afeto pela solidariedade no Brasil.

Entrevistas com trabalhadores, donas de casa, professores, jovens, idosos, autoridades, apresentavam confiança em líderes como Jânio Quadros, João Goulart, Francisco Julião, Leonel Brizola e San Tiago Dantas, e em entidades como as Ligas Camponesas, a UNE e o Partido Comunista Brasileiro. As referidas lideranças e entidades eram tidas como “amigos do país” e a jornalista se deparava com saudações pela “defesa corajosa da autodeterminação de Cuba” (FINAMOUR, 1962: 22-40). Documentários eram exibidos ao público, semanalmente, com imagens de Jango, demais políticos nacionalistas e protestos dos estudantes nas ruas a favor do país, em Porto Alegre, Rio e São Paulo (FINAMOUR, 1962: 147). De acordo com Finamour (1962: 214), Brizola era “o mais popular dos políticos brasileiros” entre os cubanos. Em função da política externa brasileira, era recorrente a jornalista ouvir que o “Brasil vai ser um ‘osso’ para os ianques”, além de ser concebido como o principal aliado no subcontinente (FINAMOUR, 1962: 313).

Isso posto, em meio à crise dos mísseis, lideranças nacionalistas manifestaram-se em apoio a Cuba, também atentas às potenciais implicações das ações estadunidenses no Brasil. O trabalhista Sergio Magalhães chegou a esposar o fim da OEA. Denunciava o organismo multilateral como “um ministério das colônias”, porque só funcionaria “quando se trata de apoiar os Estados Unidos”. Sua atenção voltava-se para os possíveis desdobramentos no Brasil: “Hoje o bloqueio naval é contra Cuba, mas amanhã será a ocupação do Nordeste, propósito que eles não mais escondem”<sup>50</sup>. Rafael Martinelli, presidente da Federação Nacional dos Ferroviários, lançava mão de argumentos parecidos<sup>51</sup>. Já Leonel Brizola asseverava que “não permitiremos que toquem no povo cubano”. Elogiava a atuação da política externa brasileira, sob os auspícios do governo Goulart, que se posicionou contra as medidas norte-americanas, causando embaraços a

---

<sup>49</sup> No período, outras obras produzidas por autores progressistas, estrangeiros e brasileiros, eram lançadas no mercado editorial do país demonstrando objetivo similar ao de Finamour. Algumas destas obras são: Mills (1961), Sweezy; Baran; Che Guevara et al (1962), Sartre (1986), Matos (1961) e Rêgo e Estrêla (1962).

<sup>50</sup> *O Semanário*, Sergio: “O Brasil deve denunciar todos os acordos interamericanos”. Rio de Janeiro, p. 3, 28 out. 1962.

<sup>51</sup> *O Semanário*, Trabalhadores ferroviários estão com Cuba. Rio de Janeiro, p. 2, 6 nov. 1962.

Kennedy. O líder gaúcho defendia a hostilização dos “norte-americanos que aqui se encontram” e avaliava que o desejo dos Estados Unidos de “acabar com Cuba” não se devia a ter ou não “foguetes”, mas seria motivado pelo fato de o “governo de Fidel” ter encerrado “a espoliação estrangeira”<sup>52</sup>.

Superada a crise dos mísseis, foi formada a Frente Nacional de Apoio a Cuba. Dirigida por deputados federais que integravam a FPN – como Sergio Magalhães e o socialista Max da Costa Santos –, pregava a tese da “libertação definitiva de todos os povos subdesenvolvidos” e identificava uma comunhão de destino entre Brasil e Cuba: “O problema de Cuba não é, como muitos pretendem fazer crer, apenas o de uma pequena ilha do Caribe, pois suas implicações atingem a todos os povos, sobretudo aqueles em luta pela sua libertação da tirania política ou econômica”<sup>53</sup>.

Louvando a formação da nova entidade e expressando um esquema de percepção convergente, *O Semanário* sublinhava que a “defesa de Cuba é a nossa defesa. A defesa da nossa soberania. A defesa de nossa independência. A defesa do direito que temos de dispor livremente de nossos destinos”<sup>54</sup>. Importa assinalar que, no marco temporal selecionado, a solidariedade apresentada pelas forças nacionalistas brasileiras à Revolução Cubana manifestava a percepção de problemas interpretados como similares, assim como sintonias entre as propostas social e economicamente reformistas. Emergia um imaginário político no Brasil que tendia a enxergar a América Latina como uma “comunidade de destino”.

Com base na reflexão de Bauer (2000: 57), relativa à questão nacional, é plausível argumentar que o processo de construção da identidade e da comunidade nacional envolve a “experiência e o sofrimento comuns do destino”. Uma apreciação do enfrentamento de vicissitudes semelhantes, assentada nas “condições em que os seres humanos produzem seu sustento e distribuem o produto de seu trabalho” (BAUER, 2000: 49).

No vocabulário dos nacionalistas brasileiros, o latifúndio e o capital estrangeiro representavam os principais obstáculos para a democracia, a redução das desigualdades e o desenvolvimento socioeconômico do país. Com a adoção da reforma agrária e do plano de estatizações pela experiência cubana, as aproximações eram perceptíveis e promoviam

---

<sup>52</sup> *O Semanário*, Brizola: “Não permitiremos que toquem no povo cubano!”. Rio de Janeiro, p. 4, 28 out. 1962.

<sup>53</sup> *O Semanário*, F.N.A.C. – Frente Nacional de Apoio a Cuba. Rio de Janeiro, p. 1, 1 nov. 1962.

<sup>54</sup> COSTA, Oswaldo. Hoje, Cuba. Amanhã, o Brasil. *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 1, 28 out. 1962.

estímulos à atuação das esquerdas nacionalistas do Brasil. Ademais, os Estados Unidos conformavam a posição do “outro”, para os nacionalistas brasileiros e cubanos. Um ingrediente antagônico, decisivo para a construção de uma identidade política (HALL, 2004). Denotava uma “dominação externa”, fenômeno que torna “visível a exploração e a opressão” (BAUER, 2000: 78). A circularidade de ideias e o compartilhamento de esperanças incentivavam a identificação de um horizonte de destino latino-americano.

Por isso, consoante a gramática nacionalista do período, o entendimento de que a “defesa de Cuba é a nossa defesa”. Projetava-se no cenário brasileiro, como em Cuba, o ideal da integração latino-americana contra a subordinação ao imperialismo. Nacionalismo e internacionalismo articulavam-se e consistiam em poderosos valores políticos nos dois países. Como esclarecia Fanon (2005: 283), à época: “Longe de afastar-se das outras nações” é no “coração da consciência nacional que se eleva e se vivifica a consciência internacional”. Com efeito, a América Latina tendia a ser imaginada por *O Semanário* e pelo conjunto das esquerdas nacionalistas como uma só Pátria.

Por sua defesa do princípio da autodeterminação dos povos, o trabalhista e presidente Goulart era elogiado pelo periódico, que o classificava “merecedor do apoio de todos os patriotas”<sup>55</sup>. Entre o final da crise dos mísseis e o golpe civil-militar de 1964, frequentes foram as matérias veiculadas em torno das pressões dos EUA sobre o governo brasileiro. Reiteradamente, *O Semanário* noticiava que “estão querendo fazer conosco o que tentaram fazer com Cuba”. O Brasil, na avaliação da linha editorial, “assumia posição de liderança no continente”, estando a “ameaçar a hegemonia dos Estados Unidos”<sup>56</sup>.

Em 1963, por força dos constrangimentos criados pelo governo norte-americano, somente cinco países ainda mantinham relações diplomáticas com Cuba no subcontinente. O Brasil despontava como barreira ao isolamento regional de Cuba e, em decorrência, sofria com ameaças externas. Em janeiro, o jornal noticiou uma tentativa estadunidense, por intermédio da OEA, de retaliar o governo brasileiro. Pretendia o organismo multilateral “alertar os países-membros sobre a ‘infiltração comunista’ no Brasil” e, dessa forma,

---

<sup>55</sup> *O Semanário*, O “ultimatum” americano e o plebiscito. Rio de Janeiro, p. 2, 29 nov.1962.

<sup>56</sup> COSTA, Oswaldo. Apelo de Natal. *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 1, 27 dez.1962; ALENCASTRE, Amílcar. Congresso pró-Cuba consagra a liberdade do Brasil. *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 3, 28 mar. a 3 abr.1963.

enquadrá-lo no “esquema de medidas destinadas a combater o ‘perigo vermelho’ no hemisfério”. *O Semanário* interpelava Jango para que não capitulasse<sup>57</sup>.

Em maio, a delegação norte-americana submeteu à apreciação da OEA uma proposta de investigação de “atividades subversivas em nossas repúblicas”. Jango determinou o voto contrário, salientando que “não deseja sofrer o constrangimento de ver estrangeiros investigando sua vida interna”. Tendo o Brasil oferecido um “não categórico”, na avaliação do jornal ocorreu “a maior derrota infligida à diplomacia do dólar nestes últimos anos”. Ressaltando sua veia anti-imperialista e antiamericana, *O Semanário* sublinhava o princípio da identidade regional: “Os nossos povos não mais admitem que seus países sejam território de caça dos trustes e monopólios ianques. ‘Pátria ou morte’ é o grito que hoje ressoa por toda a América Latina”<sup>58</sup>.

As pressões sobre o presidente Goulart recrudesciam, já adentrando o ano de 1964. O periódico registrava um pronunciamento do secretário adjunto para os Assuntos Interamericanos, Thomas Mann, que anunciou o seguinte: “Os Estados Unidos não fornecerão qualquer ajuda ao Brasil se não houver o rompimento de relações com Cuba e mais docilidade no tratamento aos capitais privados norte-americanos”. O jornal fez ácida crítica ao que chamava de “linha dura” da política norte-americana, considerando ainda que o Brasil não é “camelô para barganhar nos assuntos de transcendental importância”<sup>59</sup>.

Para *O Semanário*, a orientação imprimida pelo governo nas relações internacionais representava uma “vitória da opinião pública brasileira, que o sr. João Goulart teve o mérito e a sabedoria de acatar”<sup>60</sup>. Tal fenômeno não passava despercebido pelas autoridades cubanas. Muito menos a contribuição oferecida pelo jornal, que tinha na Revolução Cubana um relevante item da sua pauta. Nesse sentido, uma vez mais manifestando as relações de reciprocidade com o periódico, a embaixada da ilha enviava carta à redação agradecendo a solidariedade, o espaço reservado às conquistas e às dificuldades vivenciadas por Cuba<sup>61</sup>.

---

<sup>57</sup> *O Semanário*, Cuba e as pressões sobre Jango. Rio de Janeiro, p. 3, 24 a 30 jan. 1963.

<sup>58</sup> *O Semanário*, Brasil impõe séria derrota aos EUA na OEA. Rio de Janeiro, p. 1, 2 a 8 mai. 1963.

<sup>59</sup> *O Semanário*, Ianques só “ajudarão” o Brasil em troca de concessões. Rio de Janeiro, p. 1, 27 fev. a 04 mar. 1964.

<sup>60</sup> *O Semanário*, Panorama internacional: Brasil e Cuba – vitória da opinião pública. Rio de Janeiro, p. 2, 9 a 16 jan. 1964.

<sup>61</sup> RIO, Cícero do. Figuras e fatos. *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 8, 10 a 16 out. 1963.

Da nação caribenha, era também encaminhada mensagem de saudação a *O Semanário* pelos Círculos Infantis de Cuba<sup>62</sup>.

Os movimentos sociais e as forças políticas nacionalistas, até a destituição de Goulart, perseveraram na realização de protestos e reuniões públicas com a finalidade de defender Cuba e, por conseguinte, o princípio da autodeterminação dos povos. Persistiram reverberando o tema na agenda pública. Envolvendo parlamentares da FPN, o Comando Geral dos Trabalhadores, as Ligas Camponesas, a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas, a UNE, a Frente de Mobilização Popular e personagens dos circuitos artísticos, intelectuais e militares, foram empreendidos esforços para a criação de um organismo mobilizatório continental em defesa de Cuba<sup>63</sup>. Tais iniciativas contavam com a adesão do general e ex-presidente mexicano Lázaro Cárdenas<sup>64</sup>.

Nesse ínterim, em março de 1963 foi promovido, em Niterói, o Congresso Continental de Apoio a Cuba, contando com delegações de diferentes países. Questionando abertamente as atitudes agressivas dos Estados Unidos, o Congresso estabeleceu as seguintes diretrizes de atuação: o “apoio a todas as reformas internas visando a libertação política e econômica do Brasil e dos demais países latino-americanos vítimas ainda do colonialismo espoliador”; auxílio à “causa de Cuba, símbolo da emancipação que conquistarão nossos povos”; “não intervenção econômica, política ou militar em Cuba ou qualquer outro país da América Latina”, sob o entendimento de haver o “direito de cada um dos nossos países decidir, por si mesmos, de forma soberana, seu próprio destino”<sup>65</sup>.

No jornal, repercutiam as conquistas sociais cubanas, em relação à geração de emprego, ao combate à fome e ao analfabetismo, bem como as ações de assistência social e médica, a disseminação da oferta do ensino e da cultura<sup>66</sup>. Tais notícias, como também o jornal e o seu vigoroso apoio a Cuba, foram silenciadas em 31 de março de 1964. Os

---

<sup>62</sup> RIO, Cícero do. Figuras e fatos. *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 8, 9 a 16 jan. 1964.

<sup>63</sup> *O Semanário*, F.N.A.C.: Congresso Continental de Apoio a Cuba – Convocação. Rio de Janeiro, p. 8, 29 nov. 1962; *O Semanário*, Em março o encontro nacional de solidariedade a Cuba. Rio de Janeiro, p. 5, 10 a 16 jan. 1963; *O Semanário*, América ergueu sua voz em Niterói: Cuba não está só. Rio de Janeiro, p. 1, 4 a 10 abr. 1963.

<sup>64</sup> *O Semanário*, Povo brasileiro ergue-se mais uma vez em defesa da autodeterminação de Cuba. Rio de Janeiro, p. 5, 19 a 25 dez. 1963.

<sup>65</sup> *O Semanário*, F.N.A.C.: Congresso Continental de Apoio a Cuba – Convocação. Rio de Janeiro, p. 8, 29 nov. 1962; *O Semanário*, Povos da América erguem a voz em Niterói: Cuba não está só. Rio de Janeiro, p. 5, 4 a 10 abr. 1963.

<sup>66</sup> RIO, Cícero do. Revolução cubana completa 5 anos. *O Semanário*, Rio de Janeiro, p. 8, 3 a 9 jan. 1964; CASTRO, Fidel. O passado jamais voltará. *O Semanário*, Rio de Janeiro, p.6, 6 a 9 fev. 1964.

nacionalistas não tiveram oportunidade, nem capacidade de dar prosseguimento à institucionalização das reformas sociais e econômicas almejadas. Refletindo a ordem arbitrariamente imposta pelas forças conservadoras e empresariais domésticas e multinacionais, devidamente apoiada pelos “ianques”, a ditadura civil-militar rompeu as relações diplomáticas com Cuba, em maio de 1964.

### **Considerações finais**

O artigo não corresponde a um estudo sobre a Revolução Cubana, apesar de parcialmente oferecer subsídios para compreendê-la, a partir do ângulo das interações entre as experiências e as visões políticas no Brasil e em Cuba, em uma mesma conjuntura. Nosso propósito maior foi selecionar a Revolução como recorte de análise para mapear algumas ideias, práticas, valores e diagnósticos dos problemas brasileiros, entre as forças nacionalistas atuantes na sociedade civil e no Estado. Entendemos que o estudo permite observar uma saliente solidariedade de matiz internacionalista, como também uma substantiva identidade latino-americana do nacionalismo de esquerda no Brasil pré-1964.

O trabalho procurou colocar em evidência o papel desempenhado por *O Semanário* e pela força mobilizatória e organizacional dos nacionalistas – movimentos estudantis, populares e sindicais, distintos líderes e partidos de esquerdas – no processo de formação da opinião pública e de construção da agenda política. Como acentua Hawlett (2000: 183), a agenda pública captura a atenção coletiva e estimula a criação de um ambiente que influi na ação dos atores institucionais, em torno das principais preocupações públicas. Em elevada medida, a política externa independente levada a cabo pelos presidentes Jânio Quadros e João Goulart sofreu o influxo e foi expressão de uma verdadeira batalha pela opinião, travada com ousadia e dedicação por diferentes frações sociais e políticas nacionalistas.

### **Referências**

AGUIAR, Claudio. *Francisco Julião: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

ROBERTO BITENCOURT DA SILVA

ANDERSON, Perry. *A política externa norte-americana e seus teóricos*. São Paulo: Boitempo, 2015.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil – 1900-2000*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BAUER, Otto. A nação. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 45-83.

BORON, Atílio. *O socialismo no século 21*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

BRITO, Leonardo. *A imprensa nacionalista no Brasil: o periódico O Semanário (1956-1964)*. Jundiaí: Paco, 2010.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARLONI, Karla G. *Marechal Lott, a opção das esquerdas: uma biografia política*. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

CARVALHO, Aloysio C. de. *A rede da democracia*. Niterói: EdUFF; Nitpress, 2010.

CASTELLS, Manuel. *Comunicación y poder*. Madri: Alianza, 2009.

\_\_\_\_\_. *Redes de indignação e esperança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHOMSKY, Aviva. *História da revolução cubana*. São Paulo: Veneta, 2015.

DELGADO, Lucília de A. N. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, Jorge; \_\_\_\_\_. (orgs.). *O Brasil republicano*. Livro 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FERREIRA, André L. *A extrema esquerda brasileira e a revolução cubana (1959-1974)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

FERREIRA, Jorge. Os comunistas e os novos rumos. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26. *Anais...*, Associação Nacional de História, São Paulo, 2011.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de C. *1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FINAMOUR, Jurema. *Vais bem, Fidel*. São Paulo: Brasiliense, 1962.

FONTES, Virgínia. *O Brasil e o capital-imperialismo*. Rio de Janeiro: EPSJV; UFRJ, 2010.

A REVOLUÇÃO CUBANA NO BRASIL (1959-1964): RECEPÇÃO E SOLIDARIEDADE  
NAS ESQUERDAS NACIONALISTAS E EM O SEMANÁRIO

GUIMARÃES, César. Vargas e Kubitschek: a longa distância entre a Petrobras e Brasília. In: CARVALHO, Maria A. R. (Org.). *República no Catete*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2001, p. 155-175.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HARVEY, David. *O enigma do capital e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2011.

HAWLETT, Michael. A dialética da opinião pública: efeitos recíprocos da política pública e da opinião pública em sociedades democráticas contemporâneas. *Opinião Pública*, Campinas, v. 6, n. 2, p. 167-186, 2000.

LACLAU, Ernesto. *Política e ideologia na teoria marxista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

LOSURDO, Domenico. *A luta de classes*. São Paulo: Boitempo, 2015.

MARTINS, Fernanda T. Anos 1960 e a recepção da revolução cubana no Brasil: jornal Diário de Notícias e revista O Cruzeiro. In: WASSERMAN, Claudia (Org.), *A revolução cubana: 50 anos de imprensa e história no Brasil*. Porto Alegre: EST, 2009, p.30-54.

MATOS, Almir. *Cuba: a revolução na América*. Rio de Janeiro: Vitória, 1961.

MATTOS, Marcelo B. Imprensa comunista e formação de quadros no período 1954-1964. In ROXO, Marco; SACRAMENTO, Igor (Orgs.). *Intelectuais partidos*. Rio de Janeiro: Faperj: E-Papers, 2012, p. 123-143.

MCCOMBS, Maxwell. *A teoria da agenda*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MILLS, C. Wright. *A verdade sobre Cuba*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

MONIZ BANDEIRA, Luiz A. *De Martí a Fidel: a revolução cubana e a América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MORAIS, Clodomir. História das Ligas Camponesas no Brasil. In: STÉDILE, João Pedro (Org.). *História e natureza das Ligas Camponesas – 1954-1964*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 21-76.

MOREIRA, Bruno de O. *De heróis a tiranos: jornal A Tarde, agências internacionais de notícias e a revolução cubana como representação jornalística (1959-1964)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

MOREIRA, Luiz F. V.; QUINTEROS, Marcela C.; SILVA, André L. R. *As relações internacionais da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOREL, Marco. Prefácio. In: BRITO, Leonardo, *A imprensa nacionalista no Brasil: o periódico O Semanário (1956-1964)*. Jundiaí: Paco, 2010.

ROBERTO BITENCOURT DA SILVA

RAMOS, Guerreiro. *Mito e verdade da revolução brasileira*. Florianópolis: Insular, 2016.

RAMOS, Jorge A. *História da nação latino-americana*. Florianópolis: Insular, 2014.

RÊGO, José; ESTRÊLA, J.E. *Ianques contra Cuba*. São Paulo: Fulgor, 1962.

REIS, Daniel A. A revolução e o socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso. In: QUADRAT, Samanta V. e ROLLEMBERG, Denise (Orgs.). *A construção social dos regimes autoritários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 363-392.

RIDENTI, Marcelo. Esquerdas revolucionárias armadas nos anos 1960-1970. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel A. (orgs.). *Revolução e democracia (1964 - ...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 21-51.

ROLLEMBERG, Denise. *O apoio de Cuba à luta armada no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SADER, Emir. Cuba no Brasil: influências da revolução cubana na esquerda brasileira. In: REIS, Daniel A.; et. al. (orgs.), *História do marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p.157-183.

SANTAMARÍA, Abel E. G. *La gran estratégia – Estados Unidos vs América Latina*. Havana: Editorial Capitán San Luis, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. *Furacão sobre Cuba*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1986.

SILVA, Roberto B. da. O controle sobre o capital estrangeiro em debate na imprensa comunista (1951-1964). *Perseu*, São Paulo, v. 7, n. 11, p. 281-307, 2016.

SWEEZY, Paul; HUBERMAN, Leo. Nova visita a Cuba. In: SWEEZY, Paul; BARAN, Paul; GUEVARA, Ernesto Che; et al., *Reflexões sobre a revolução cubana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962, p. 51-82.

SWEEZY, Paul; BARAN, Paul; CHE GUEVARA, Ernesto; et al. *Reflexões sobre a revolução cubana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

VASCONCELOS, Joana S. Cuba e a dependência externa: passado e presente. *Rebela*, Florianópolis, v. 6, n.1, p. 106-143, jan./abr. 2016.

### **Edições do jornal pesquisado**

O SEMANÁRIO. Rio de Janeiro, 4 a 11 abr. 1957.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 8 a 14 jan. 1959.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 22 a 27 jan. 1959.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 5 a 11 fev. 1959.

A REVOLUÇÃO CUBANA NO BRASIL (1959-1964): RECEPÇÃO E SOLIDARIEDADE  
NAS ESQUERDAS NACIONALISTAS E EM O *SEMANÁRIO*

- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 26 fev. a 04 mar. 1959.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 14 a 20 mai. 1959.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 25 a 31 jul. 1959.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 1 a 07 ago. 1959.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 5 a 11 set. 1959.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 23 a 29 jan.1960.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 6 a 12 fev.1960.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 13 a 19 fev. 1960.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 27 fev. a 04 mar.1960.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 16 a 22 abr. 1960.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 30 abr. a 06 mai. 1960.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 11 a 17 jun. 1960.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 18 a 24 jun. 1960.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 7 a 13 mai. 1960.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 9 a 15 jul. 1960.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 23 a 29 jul. 1960.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 30 jul. a 05 ago. 1960.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 6 a 12 ago. 1960.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 5 a 11 nov. 1960.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 12 a 18 nov. 1960.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 3 a 9 dez. 1960.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 15 a 22 jan. 1961.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 22 a 29 jan. 1961.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 31 jan. a 7 fev. 1961.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 19 a 26 abr. 1961.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 27 abr. a 03 mai. 1961.

ROBERTO BITENCOURT DA SILVA

- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 4 a 11 mai. 1961.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 20 a 27 mai. 1961.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 13 a 20 jun. 1961.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 6 a 13 jul. 1961.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 10 mai. 1962.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 26 jul. 1962.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 20 set. 1962.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 25 out. 1962.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 28 out. 1962.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 01 nov. 1962.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 6 nov. 1962.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 29 nov. 1962.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 27 dez. 1962.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 24 a 30 jan. 1963.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 28 mar. a 3 abr. 1963.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 4 a 10 abr. 1963.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 2 a 8 mai. 1963.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 10 a 16 out. 1963.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 19 a 25 dez. 1963.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 3 a 9 jan. 1964.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 9 a 16 jan. 1964.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 6 a 9 fev. 1964.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro, 27 fev. a 04 mar. 1964.

**Recebido em:** 23 de novembro de 2016

**Aceito em:** 24 de janeiro de 2017